

A ESCOLA DO SÉCULO XXI

OBJECTIVO: APRENDER PARA A VIDA

POR MARGARIDA MOREIRA

A ESCOLA TEVE, DESDE SEMPRE, UMA FUNÇÃO SOCIAL: PREPARAR OS ALUNOS PARA SEREM OS FUTUROS CIDADÃOS. COMO SABEMOS, A SOCIEDADE ACTUAL É CADA VEZ MAIS HETEROGÉNEA E MULTICULTURAL.

A política educativa deve, por isso, permitir aprender diferente, logo o corpo de aprendizagens a assegurar pelo sistema criado não pode ser uniforme e rigidamente normativo, mas antes deverá proporcionar a flexibilidade necessária, tanto de conteúdos como de processos para aprender.

Porém, esta flexibilidade só será possível se houver, além da cobertura legal, vontade das escolas e seus agentes educativos em assumir a *autonomia pedagógica* que lhe permita ajustar-se à diferenciação sócio-cultural patente em cada comunidade educativa, através da gestão flexível dos currículos (entenda-se currículo em sentido abrangente de conteúdos e processos de aprendizagem), previsto no Dec.-Lei n.º 6/2001.

Como se adequam os currículos às diferentes realidades escolares? Construindo projectos!

Em cada escola deverão, então, ser construídos projectos, a três níveis:

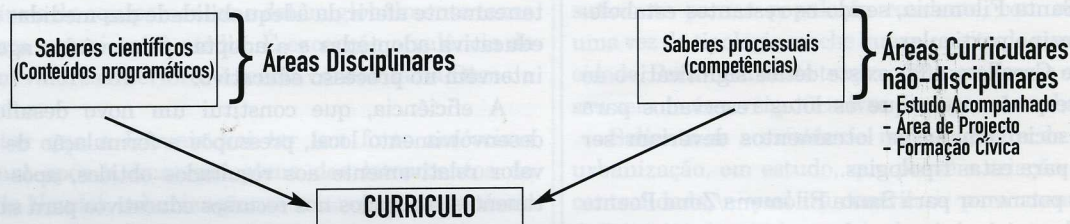
- 1. Projecto Educativo de Escola** (*válido por três anos*), onde conste a caracterização da comunidade escolar em todos os aspectos: histórico, geográfico, sociológico, profissional, etc., recursos e os princípios educativos escolhidos pela escola para a sua orientação pedagógico-didáctica;
- 2. Projecto Curricular de Escola** (*válido por um ano*), que permitirá à escola organizar de forma adequada o Currículo Nacional e determinações legais às opções educativas seleccionadas no projecto educativo da escola (P.E.E.), em termos curriculares: carga horária, desenho curricular, áreas disciplinares, estruturas de apoio,

orientações pedagógicas e didácticas gerais, recursos (materiais e humanos) a disponibilizar.

- 3. Projecto Curricular de Turma** (*válido por um ano*), em que se definem as decisões curriculares de escola ao nível de cada turma, de forma a se poderem concretizar as orientações educativas apontadas no P.E.E. e os objectivos e metodologias pedagógicas seleccionadas e directivas organizacionais do P.C.E..

Não sendo possível ocupar-nos de todos estes projectos, cingimo-nos ao P.C.T. (projecto curricular de turma). *Como se deve, então, proceder na sua construção?*

Como projecto que é, tem de partir de um *diagnóstico de situação*, neste caso, pedagógica: necessidades educativas e dificuldades de aprendizagem dos alunos em cada turma. Depois, tendo por objectivo promover a aquisição dos conteúdos programáticos pelos alunos, há que *seleccionar os processos* (estratégias, actividades, recursos) mais apropriados para o fazer. Aí surgem-nos as *Competências* (processos estruturantes e transversais de aprendizagem). Para poderem ser desenvolvidas pelos aprendentes no estudo das diferentes áreas disciplinares (Português, História, Ciências, Matemática, etc.) eles precisam conhecê-las, treiná-las e saber quando, como e onde devem aplicá-las (transferência de conhecimentos a novas situações). Os espaços curriculares e pedagógicos próprios para realizar essa aprendizagem são o *Estudo Acompanhado* e a *Área de Projecto*. Deste encontro resulta o P.C.T. (reconstrução de currículo). Do seguinte modo:



Assim, P.C.T. é o projecto feito para cada turma (conjunto de alunos reais) para promover saberes, através do desenvolvimento de competências que transformarão os conhecimentos em aprendizagens.

Debrucemo-nos, agora, um pouco sobre: *O que são competências?*

O paradigma da educação escolar de hoje é formar cidadãos, homens e mulheres de amanhã, capazes de enfrentar a actual **Sociedade da Informação e do Conhecimento**, em que o principal não é apenas adquirir mas saber manusear, adequadamente e com eficácia, as informações e os conhecimentos que nos chegam de todos os lados e em quantidade.

Deste modo, a função/estratégia social e educativa da escola deve passar por permitir a aquisição e desenvolvimento de competências essenciais (específicas e transversais) que tornem os jovens detentores de capacidades para compreenderem e enfrentarem o mundo complexo da informação que os espera à saída do percurso académico, de forma autónoma, crítica e criativa.

Só o poderão fazer, todavia, se a escola não só os munir de conhecimentos processuais estruturantes (competências) como de momentos de aplicação e treino necessário para os dominar/aplicar a novas situações, através dos quais fiquem aptos a realizar, autonomamente, as adequadas transferências (opção, selecção) dos métodos eficazes à resolução dos problemas que tiverem de enfrentar, discutir, reflectir, equacionar, enfim resolver.

Defendem as pedagogias mais actuais que a melhor metodologia para aprender é o *trabalho de projecto*, pois proporciona um conjunto de situações de aprendizagem, individual e colaborativa (trabalho de grupo – aprender com os outros), que partindo de uma realidade-problema (questão, tema, preocupação social), procura caminhos (processos e conhecimentos) que ajudem a responder, clarificar, resolver as questões colocadas, de início, e tornem as aprendizagens significativas para os alunos, porque passa por eles a descoberta do conhecimento.

Dizem, ainda, que se aprende melhor quando há *auto-construção do Saber* (cognição), porque partindo do que já se conhece e, por isso, com significado/contexto, encontra-se motivação/vontade para a pesquisa de mais informação e aprofundamento dos saberes (*construtivismo*).

Como se constrói o auto-conhecimento?

Desenvolvendo competências (processos metacognitivos/aprender a aprender) que permitam ao aprendente cruzar as informações que dispõe com as que encontrou após a pesquisa e a torná-las perceptivas, coerentes e adequadas ao fim em vista, isto é, torná-las conhecimento para si.

Como se articulam os objectivos traçados pelo aluno para auto-aprender e as competências necessárias para o efeito?

Criando um (*trabalho de*) projecto pessoal ou de grupo, onde se:

- Reflecte sobre o que se pretende aprender.
- Organiza o processo de aprendizagem (plano).
- Listam os recursos a utilizar.
- Datam as etapas a atingir.
- Dividem tarefas pelos seus pares.

Enfim, se planifica o trabalho (*em projecto*) a realizar,

em que se deve auto e heteroavaliar, sistematicamente, os resultados obtidos, comparando-os com os objectivos inicialmente traçados.

Onde pode o aluno experimentar e aperfeiçoar esta metodologia de trabalho e adquirir as competências que lhe são inerentes?

Precisamente na escola e dentro do seu horário:

- No **Estudo Acompanhado**: “*visando a aquisição de competências que permitam a apropriação pelos alunos de métodos de estudo e de trabalho e proporcionem o desenvolvimento de atitudes e de capacidades que favoreçam uma cada vez maior autonomia na realização das aprendizagens.*” (Dec.-Lei n.º 6/2001, Art.º 5.º, ponto 3, alínea b)
- Na **Área de Projecto**: “*visando a concepção, realização e avaliação de projectos, através da articulação de diversas áreas curriculares, em torno de problemas ou temas de pesquisa ou de intervenção, de acordo com as necessidades e os interesses dos alunos.*” (Dec.-Lei n.º 6/2001, Art.º 5.º, ponto 3, alínea a)



Estas áreas curriculares são designadas de não-disciplinares exactamente porque não devem ter programa/conteúdos normativos como as áreas disciplinares, ele deve ser criado pelo próprio Conselho de Turma, sob a forma de projecto, para ir ao encontro das reais necessidades educativas e dificuldades de aprendizagem desses alunos e segundo as competências que os professores entenderem as adequadas desenvolver para ultrapassar o diagnóstico efectuado (construção de currículo).

Está, portanto, aqui o grande desafio colocado às escolas e aos professores: construir currículo localmente, articulando de forma adequada as determinações da tutela (nacionais, gerais) e as necessidades educativas da sua comunidade escolar, real (diferenciada, multicultural, heterogénea), através do diagnóstico e das opções feitas para realizar o projecto educativo da sua escola. Mas, tudo isto só é realizável se as escolas e os seus agentes (alunos, professores, funcionários e encarregados de educação) entenderem os actuais objectivos educacionais e aceitarem mudar rotinas, pelo menos experimentar mudar.

Num momento em que tanto se apontam críticas ao sistema educativo português, porque não dar o benefício da dúvida e tentar fazer diferente?